

TATIANA DE ALBUQUERQUE FERREIRA

## Luz e experiência noturna: Considerações e reflexões teóricas

*Light and nocturnal experience: Theoretical considerations and reflections*

**Tatiana de Albuquerque Ferreira**

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ, Mestrado acadêmico em Urbanismo pelo PROURB-FAU/UFRJ e especialização em iluminação pela Universidad Politécnica de Madrid (UPM).

Architect and Urbanist by the FAU/UFRJ, Master's degree in Urbanism by the PROURB-FAU/UFRJ and Specialization in Lighting by the Polytechnic University of Madrid (UPM).

[tatianadealbuquerque@gmail.com](mailto:tatianadealbuquerque@gmail.com)

### Resumo

Este artigo<sup>1</sup> se dedica ao estudo da iluminação urbana através de uma construção teórica, cujo fio condutor é a experiência. Entende-se que referenciais de luz foram construídos a partir de maiores níveis de luminosidade, uniformidade e de maior visibilidade; neste processo, o escuro, as sombras e as características noturnas foram sendo omitidos do espaço urbano. Perante as discussões sobre o tema, onde a iluminação urbana tem sido questionada pela busca por soluções mais sustentáveis e pela aproximação às dimensões mais sensíveis da noite, tem-se como objetivo, compreender as especificidades de uma experiência noturna que se desdobra no espaço público, buscando desvios e brechas de um pensamento formatado e entendido como único em relação às luzes da cidade. Assim, como metodologia optou-se por uma construção teórica que se apoia em conceitos de Urbanismo e Ciências Sociais. Primeiro, definindo experiência, depois compreendendo a que ocorre no espaço público devido à riqueza de experiências de alteridade; e por último, entendendo as especificidades de uma experiência noturna por meio dos ritmos, questões de visibilidade, de luz e escuridão que a compõem. Além de trazer contribuições teóricas, o estudo contribui com o olhar para dimensões sensíveis da noite nos centros urbanos, que geralmente são omitidas e esquecidas, com o intuito de abrir perspectivas sobre a iluminação dos espaços públicos.

**Palavras-chave:** Iluminação urbana; experiência noturna; espaços públicos

### Abstract

This article<sup>2</sup> is dedicated to the study of urban lighting through a theoretical construction, whose guiding principle is the experience. It is understood that light referentials were constructed from higher levels of luminosity, uniformity and greater visibility; in this process, the darkness, the shadows and the nocturnal characteristics were being omitted from the urban space. In light of the discussions on the theme, where urban lighting has been questioned for the search for more sustainable solutions and for approaching the most sensitive dimensions of the night, one aims to understand the specificities of a nocturnal experience that unfolds in public space, looking for deviations and gaps of a thought formatted and understood as unique in relation to the lights of the city. Thus, as a methodology, a theoretical construction was chosen based on concepts of Urbanism and Social Sciences. First, defining experience, then understanding the one that occurs in the public space due to the wealth of experiences of otherness; and lastly, understanding the specificities of a nocturnal experience through the rhythms, issues of visibility, light and darkness that compose it. In addition to bringing theoretical contributions, the study contributes to the consideration of sensitive dimensions of the night in urban centers, which are usually omitted and forgotten, in order to open perspectives on the lighting of public spaces.

**Keywords:** Urban lighting; nocturnal experience; public spaces.

1 Este artigo é resultado da Dissertação de Mestrado em Urbanismo intitulada "Luz e experiência noturna: Reflexões sobre a iluminação urbana dos espaços públicos", defendida em maio de 2018 no PROURB-FAU/UFRJ sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Cury Paraizo.

2 This paper is part of a Dissertation in Urban Design called "Light and nocturnal experience: Reflections about urban lighting at public spaces", presented in May 2018 in PROURB-FAU/UFRJ under the guidance of Professor Ph.D. Rodrigo Cury Paraizo.

## Introdução

As luzes da cidade se entrelaçam com a noite dos centros urbanos e praticamente não nos questionamos sobre os referenciais de iluminação que são gerados no espaço urbano. Entretanto, se olharmos por meio da observação de outros ritmos, onde nossos corpos se permitem e se expõem na experiência urbana, podemos encontrar outros valores que podem revelar diferentes concepções de luz e do escuro nos espaços públicos. Entende-se que em meio às transformações da iluminação urbana, referenciais de luz foram construídos, entrelaçados principalmente com maiores níveis de luminosidade, uniformidade e com o desejo de maior visibilidade na experiência noturna (SCHIVELBUSCH, 1995); neste processo, o escuro, as sombras e as características noturnas foram sendo omitidos do espaço urbano, desvelando a estigmatização da própria experiência noturna por um lado, e o paradigma diurno de ter mais luz para as atividades noturnas de outro.

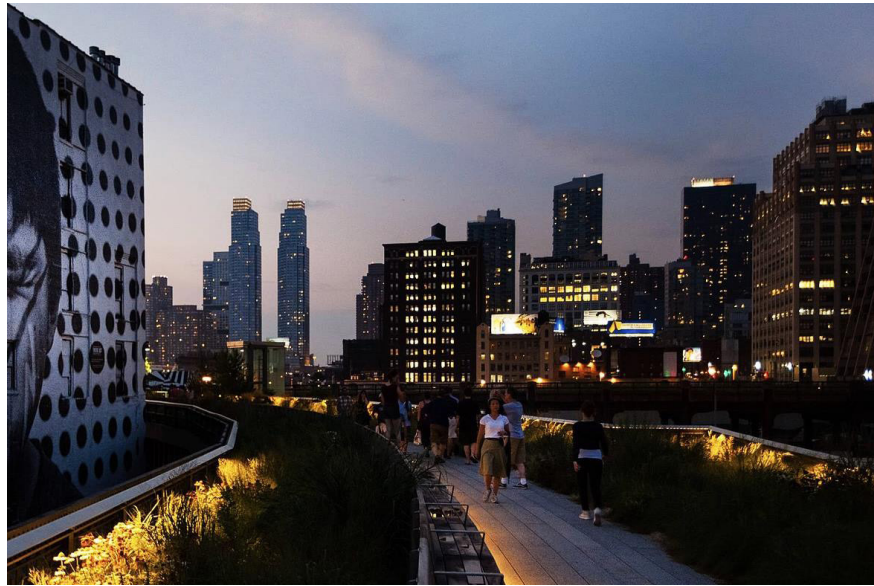
Entretanto, estudos recentes demonstram que a iluminação urbana tem sido questionada pelos seus excessos. Primeiro, devido às questões ambientais, aos malefícios à fauna e à flora, e aos seres humanos (RICH e LONGCORE, 2005), o que também foi exposto no documentário *The City Dark* (2011) de Ian Cheney, demonstrando que apesar do vínculo que temos com a luz também precisamos da escuridão [1]. Segundo, devido à busca por soluções mais sustentáveis e mais próximas à escala do pedestre (ISENSTADT; PETTY; NEUMANN, 2015). Terceiro, pela defesa de questões afetivas relacionadas à noite (BOGARD 2008, 2014), revelando diferentes concepções do escuro e uma proximidade às dimensões mais sensíveis da experiência noturna (DUNN, 2016; BERTIN e PAQUETTE, 2015). Assim, perante este contexto, tem-se a motivação de trazer estas discussões para o âmbito nacional, permitindo reflexões sobre como iluminamos os nossos centros urbanos.

Como metodologia, para uma primeira resposta ao objetivo desta pesquisa, nos debruçamos em conceitos-chaves de Urbanismo e Ciências Sociais, buscando compreender: em primeiro lugar, a definição de **experiência**, segundo Bondía (2002), Mongin (2006) e Merleau-Ponty (1999); suas **especificidades no espaço público**, a partir de questões sobre confiança e de reconhecimento do outro, conforme Giddens (1991) e sobre a riqueza da experiência no espaço público por sua heterogeneidade, segundo Bauman (2001), Borja (2003) e Jacques (2012). Em segundo, buscamos abordar as **especificidades de uma experiência noturna**, as alterações de ritmos, segundo Lefebvre (2004) e de visibilidade, conforme Boyce (2014), Narboni (2003) e Major (2015). Por último, tratamos de **luz e escuridão noturna na experiência** do espaço urbano, de acordo com Bertin e Paquette (2015), Dunn (2016) e Edensor (2017), como forma de explicitar suas potencialidades na experiência.

Desta forma, objetiva-se compreender as especificidades de uma experiência noturna que se desdobra no espaço público, como forma de buscar desvios e brechas de um pensamento formatado e entendido como único em relação às luzes da cidade, contribuindo com uma construção teórica que promova o questionamento da própria iluminação urbana dos espaços públicos e o olhar para dimensões sensíveis da noite.

FIGURA 1 - No documentário *The City Dark* (2011), menciona-se o projeto de iluminação do High Line em Nova Iorque, que visa preservar a noite da cidade e permitir a vista plena do céu estrelado. Lighting Designer Hervé Descottes/ L'Observatoire International. Foto de Dan Nguyen, 2012.

Fonte: Wikimedia Commons (CC BY-SA 4.0). Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=71099945>> Acesso em: 27 jul. 2018.



## Definindo experiência e suas especificidades no espaço público

Compreendendo a importância e o poder das palavras, recorremos ao filósofo e professor Jorge Larrosa Bondía (2002), onde no artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” explicita o significado da palavra experiência em diversos idiomas; em português, seria “o que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 21). Pode-se entender que é algo que nos toca e que está cada vez mais raro em meio aos múltiplos acontecimentos no decorrer dos dias atuais<sup>3</sup>. Segundo Bondía (2002), na experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, onde paramos para pensar, olhar, escutar, sentir e assim suspender o automatismo da ação, cultivando atenção, delicadeza e encontros. O sujeito da experiência seria como uma superfície sensível, onde aquilo que nos acontece, nos afeta, **produz afetos e deixa marcas**. Bondía (2002) menciona que independentemente da tradução da expressão, o sujeito não se define por sua atividade, e sim por sua passividade, ou seja, por sua abertura e recepção, “o sujeito da experiência **é um sujeito ‘ex-posto’**.” (BONDÍA, 2002, p. 24 – grifo nosso). O autor também analisa que a palavra experiência vem do latim *experiri* que seria “provar” e o seu radical é *periri*, que é o mesmo da palavra *periculum*, perigo. Sua raiz é *per* que se relaciona com a ideia de travessia, o percorrido e passagem. Assim, Bondía (2002, p. 25) define que “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.”

Ampliando a experiência para o espaço urbano e com o sentido coletivo de relacionamento com o outro, o também filósofo Olivier Mongin (2006)<sup>4</sup> menciona que a experiência urbana é construída com o corpo e que se confunde com o próprio espaço público onde **os corpos também se expõem**, permitindo o corpo individual **aventurar-se** com outros corpos. Mongin (2006) descreve três formas de experiência: a corporal,

<sup>3</sup> Segundo Ascher (2010), a partir de análises sobre as mudanças da modernidade, a sociedade está em constante mutação: transformações na ciência, nas técnicas, nas relações sociais e na economia. Neste mesmo sentido, Bondía (2002) aponta que o sujeito moderno está submetido ao excesso de informação, de opinião, de trabalho e também pela escassez de tempo.

<sup>4</sup> Mongin (2006) critica a globalização e as consequências de desintegração do espaço urbano, onde defende o espírito do lugar frente ao não lugar global. Com isto, aposta nas relações entre os cidadãos, na experiência urbana como forma de reconstrução do próprio espaço público.

onde o corpo reivindica a forma da cidade; a física, onde o corpo perambula por um espaço mediante o movimento; e por último, a **pública**, onde a cidade propriamente dita se põe em cena, expondo as tensões entre o público e privado, o que é interior e exterior. Por meio de uma visão mais poética, deve-se captar a cidade com todos os sentidos, o olfato, o ouvido, tato, a visão (o que se aproxima da postura do ritmanalista de Lefebvre, que veremos adiante). Desta forma, Mongin menciona que “a experiência urbana se inscreve em um lugar onde é possível ter práticas, movimentos, ações, pensamentos, danças, cantos e sonhos.” (2006, p. 36, tradução nossa) <sup>5</sup>.

O uso dos sentidos e do corpo na experiência da cidade nos remete as raízes fenomenológicas <sup>6</sup> do conceito de experiência, onde podemos citar Merleau-Ponty (1999) que em sua obra “Fenomenologia da Percepção” analisa a espacialidade do corpo humano, vinculando a questão corpórea à experiência. Segundo Merleau-Ponty (1999), a experiência perceptiva é uma experiência corporal, o corpo é o mediador da experiência no mundo: “não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13-14); seria **por meio do corpo que vivenciamos uma experiência sensorial através dos sentidos, seria o corpo ser sensível, afetado pelos sentidos**. De acordo com Montaner (2017), introduzir a experiência à arquitetura foi fundamental para consideração do subjetivo, o perceptual, o sensorial e o corporal. Entretanto, como forma de não se limitar ao subjetivismo e ao individualismo que podem surgir da valorização fenomenológica da experiência, o autor menciona a importância de considerar também a coletividade e a dimensão da ação (referindo-se às atividades e às relações entre as pessoas).

## Dimensão pública da experiência

Em relação à dimensão pública mencionada por Mongin (2006), entre às tensões que se expõe na cidade, a experiência no espaço público possui suas especificidades. É o lugar por excelência das experiências de alteridade e identidades como afirma Pereira (2012, p. 39), que complementa: “é nele que coemergem identidades e diferenças, o eu e o outro e, sobretudo, é nele que se declinam as práticas de dotação de sentido e de significado coletivo [...]”. A partir destas afirmações, podemos destacar duas questões: a primeira, a relação entre o “eu” e o “outro”, na qual analisaremos à luz da teoria de Anthony Giddens, para entender a importância da confiança e reconhecimento do outro no espaço urbano; a segunda, referente às “identidades e diferenças”, na qual abordaremos os autores Jordi Borja, Bauman e Paola Berenstein para compreender a relevância dos conflitos e da heterogeneidade e que são inerentes ao espaço público.

No campo da sociologia, o autor britânico Giddens (1991) ao buscar compreender as “descontinuidades” sofridas com a modernidade, se deparou com questões da vida social moderna, onde muitas pessoas interagem com outras que lhes são consideradas estranhas <sup>7</sup>. Em culturas pré-modernas onde a comunidade local era a base de organização social, aquele entendido como “estranho” era o que vinha de fora, sendo potencialmente suspeito. Segundo Giddens (1991), em muitos cenários urbanos das sociedades modernas, interagimos de forma contínua com outros que não conhecemos bem ou que nunca vimos antes. Esta variedade de encontros que compõe o cotidiano é mantida pelo o que o sociólogo e antropólogo Erving Goffman denominou

<sup>5</sup> “La experiencia urbana se inscribe en un lugar que hace posible prácticas, movimientos, acciones, pensamientos, danzas, cantos y sueños.”

<sup>6</sup> Foram estabelecidas pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938). A teoria arquitetônica aproximou-se deste método filosófico ao problematizar a interação do corpo humano com o seu ambiente, onde as sensações constituem a apreensão da arquitetura, realçando o interesse pelas qualidades sensoriais dos materiais, inclusive pelos efeitos da luz (NESBITT, 2006, p. 31-32).

<sup>7</sup> Segundo Simmel (1944 apud Giddens, 1991, p.74), o termo “estranho” é alterado com a modernidade.

como *civil inattention*<sup>8</sup> (desatenção civil). Giddens (1991) menciona o exemplo de duas pessoas que se cruzam ao caminhar numa calçada, um evento trivial, mas que revela aspectos de manejo corporal com as características da modernidade “[...] O olhar concede reconhecimento do outro como um agente e como um conhecido potencial. [...]” (GIDDENS, 1991, p. 75).

É importante destacar que este gesto comentado por Giddens e Goffman é algo presente na experiência urbana onde seria a base de uma confiança estabelecida no ato de encontrar-se com “estranhos” no próprio espaço público. Isto, conforme Giddens (1991), não envolve somente o uso do rosto, mas o emprego sutil da postura e posicionamento corporais que transmitem uma mensagem de confiança. **Podemos notar que a palavra confiança é algo importante, estabelecido em encontro com o “outro”.** A confiança elementar que toda iniciação de um encontro pressupõe tende a ser sancionada por uma percepção de “confiabilidade estabelecida” e/ou pela manutenção de rituais informais. Segundo Giddens (1991), há aspectos da confiança e processos de desenvolvimento da personalidade que parecem se aplicar a todas as culturas. Assim, explica que a chamada segurança ontológica é algo de extrema importância para o nosso sentimento de segurança. Tem a ver com o “ser” ou, segundo a fenomenologia “ser-no-mundo”, relacionado com um fenômeno emocional enraizado no inconsciente. Desde o nascimento, estabelecemos uma base de confiança com os nossos provedores, por isso Giddens (1991, p. 89), afirma que “A confiança nos outros é uma necessidade psicológica de um tipo persistente e recorrente.”

Ao mesmo tempo em que a presença do outro é importante, também nos deparamos com obstáculos nesta relação. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001)<sup>9</sup> aponta que a sociedade moderna, em meio à preocupação com a insegurança, acaba se afastando do convívio público e coletivo. Também comenta que os espaços públicos legitimados pelo consumo e pela busca por segurança representam a dificuldade humana de conviver com a diferença. Segundo o autor, esta questão deve ser construída e cultivada. **“Quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se a vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.”** (BAUMAN, 2001, p. 123 – grifo nosso).

Neste mesmo sentido, o geógrafo e urbanista espanhol Jordi Borja (2003) menciona a dimensão política do espaço público, que é um conceito próprio do Urbanismo e que pode ser confundido com espaços verdes, equipamentos ou sistema viário, mas também é utilizado pela filosofia política como lugar de representação e de **expressão de vontades coletivas da sociedade**. Borja (2003) afirma que a qualidade do espaço público pode ser avaliada pela intensidade e qualidade das relações sociais que nele ocorrem, por sua capacidade de propiciar a convivência de diferentes grupos e comportamentos e também por estimular identidade simbólica cultural. O autor defende que “[...] espaço de iguais, não faz cidade.” (BORJA, 2003, p. 105) e que **não podemos negar a heterogeneidade da cidade, esta é lugar de encontro, do conhecimento do outro, com possibilidade de conflito e convivência.**

Há estudos que apontam para o sentido de homogeneização destes espaços, a arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques (2012) crítica os espaços públicos homogeneizados, espetaculares, gentrificados e vigiados, onde o “outro”<sup>10</sup> urbano é excluído. Em meio aos questionamentos sobre expropriação, empobrecimento ou até da destruição da experiência, Jacques (2012) comenta que estamos vivendo um processo de

<sup>8</sup> Erving Goffman tratou desde termo em sua obra *Behavior in Public Places* (1963).

<sup>9</sup> Bauman (2001) ao analisar a chamada “liquidez” pela qual a sociedade moderna atravessa, menciona aspectos que a permeiam: emancipação, individualidade, tempo e espaço, o trabalho e a comunidade. Ao analisar o tempo e o espaço, busca compreender o relacionamento entre “estranhos” na sociedade.

<sup>10</sup> “O Outro urbano é o homem ordinário, praticante das cidades, que escapa - resiste e sobrevive - no cotidiano, da anestesia pacificadora. [...] não está mais distante, em sociedades ditas primitivas ou exóticas, como nos estudos etnográficos tradicionais que fundamentaram a etnologia e a antropologia clássica, mas está bem próximo [...], se apropria ou ocupa, por vezes de forma bastante conflituosa, os espaços públicos urbanos.” (JACQUES, 2012, p. 49).

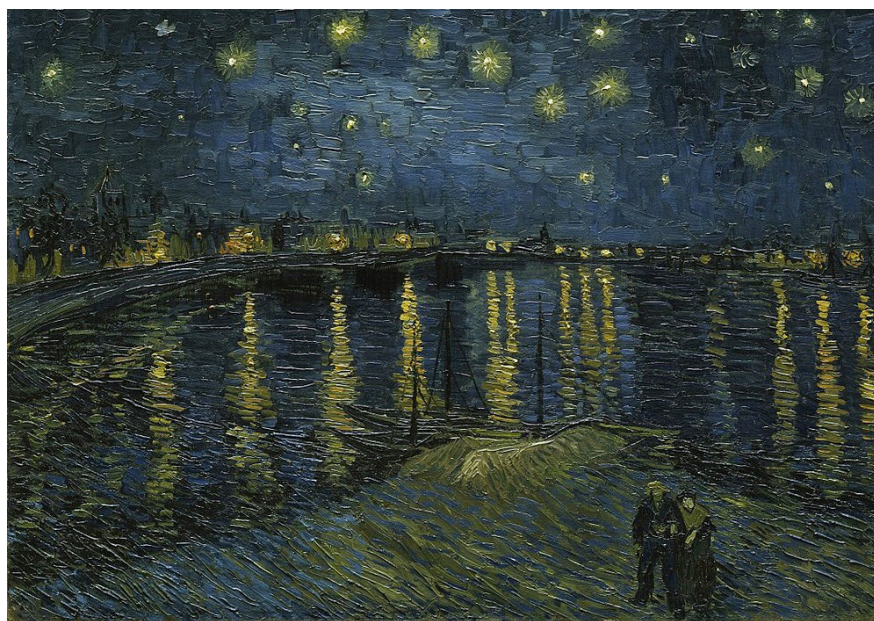
esterilização da experiência quanto à questão da alteridade na cidade. Assim, afirma que não há uma destruição completa da experiência e sim, uma busca de sua captura, domesticação e anestesiamento. Segundo Jacques, busca-se construir consensos por meio de “[...] espaços-slogans que transformam os espaços públicos em cenários desencarnados e fachadas sem corpo: pura imagem publicitária.” (2012, p. 52). A autora chama a atenção para a tendência à uniformização e pacificação destes espaços que aparentemente são destituídos de conflitos, desacordos e desentendimentos, o que resulta na fabricação de falsos consensos e na omissão das tensões que, conforme vimos anteriormente, são inerentes a estes espaços, “esterilizando” a própria esfera pública.

Encerramos esta seção, primeiramente, com o entendimento de que o sujeito da experiência é um sujeito que percebe a cidade pelos seus sentidos, sendo também um sujeito exposto, que se permite encontrar com o outro. O reconhecimento deste outro demonstra ser um gesto importante, como forma de estabelecimento de confiança na experiência urbana, não se trata somente de olhar para o outro e reconhecê-lo, mas também de identificar-se com ele. Contudo, no espaço público, onde há uma riqueza de experiências de alteridade, lidar com este outro urbano é muitas vezes conflituoso, devido às diferenças e identidades que se manifestam no mesmo espaço; o que ao mesmo tempo demonstra a importância deste espaço, como forma de expressão de coletividade e das contradições da sociedade, perante o processo de “pacificação” da experiência que pode ocorrer no espaço urbano. Desta forma, levantamos pistas para compreender como lidamos com o outro na experiência noturna que se desdobra no espaço público. Veremos a seguir, que à noite a visibilidade e a própria dinâmica de uso do espaço podem afetar a nossa experiência e o estabelecimento da confiança com este “outro urbano”.

## Experiência noturna: ritmos, visibilidade, luz e escuridão

FIGURA 2 - Noite Estrelada sobre o Ródano, Vicent Van Gogh, 1888.

Fonte: Wikimedia Commons.  
Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=142141>>.  
Acesso em: 25 jul. 2018.





*Saberás que atualmente trabalho fora, desde as quatro da manhã, pois durante o dia é um empecilho, devido aos transeuntes e as crianças e também porque o melhor momento para ver as linhas grandiosas é quando as coisas estão banhadas ainda que em uma mesma tonalidade. Vicent Van Gogh, cartas ao irmão Theo, em abril de 1882, Haia (GOGH, 2012, p. 202 – tradução nossa)<sup>11</sup>*

A partir do relato do artista Vicent Van Gogh em carta enviada ao seu irmão Theo, sobre o ato de pintar à noite no final do século 19 [2], podemos destacar questões sobre a experiência noturna que explicitaremos a seguir, como a alteração dos ritmos quando comparada ao ritmo diurno e as características de nossa visibilidade à noite, em condições de menores luminosidades.

## Alteração dos ritmos e da visibilidade

O filósofo francês Henri Lefebvre a partir de seu olhar atento às práticas cotidianas, na obra *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday*<sup>12</sup> fez uma análise dos ritmos biológicos, psicológicos e sociais, nomeada de ritmanálise<sup>13</sup>, mostrando que há uma relação entre tempo e espaço na compreensão do cotidiano, sendo o seu tópico central o próprio corpo nestas práticas perante as tendências dos próprios ritmos da sociedade capitalista em que vivemos. Quanto à experiência noturna, segundo Lefebvre (2004), **a noite não seria uma ruptura em relação ao ritmo diurno**, mas o modifica e, sobretudo, o torna mais lento. Os sons da cidade, o movimento e a presença das pessoas, o fluxo do transporte público, a execução dos serviços, a ausência de luz natural em detrimento do surgimento da artificial, tudo isso se transforma no anoitecer das cidades.

Reconhecemos, no entanto, que em meio à tendência das “cidades 24 horas”, e até mesmo devido ao lazer noturno e às atividades que se postergam cada vez mais nos centros urbanos, estes ritmos no período noturno não necessariamente serão reduzidos. Conforme o próprio Lefebvre identificou, em muitas situações as atividades noturnas acabavam por sobrepor os próprios ritmos circadianos. Segundo Lefebvre (2004), **os ritmos entendidos como naturais mudam por razões múltiplas, tecnológicas e socioeconômicas**, entretanto, afirma que somente percebemos os ritmos corpóreos quando começamos a sofrer alguma irregularidade (arritmia) que se reverbera tanto no psicológico, no social e no próprio corpo, **demonstrando que o nosso corpo tem um tempo**, composto por um pacote de ritmos, diferentes, mas em sintonia, e que se adapta ou não às condicionantes geradas e estruturadas na sociedade. O autor não menciona a luz artificial como uma ruptura aos ritmos cíclicos da noite, mas podemos traçar uma relação com questões ambientais e refletir sobre até que ponto a iluminação excessiva das cidades não provocaria arritmias por sua presença contínua; com isto, cabe o questionamento de como poderíamos encontrar um equilíbrio entre a importância da luz no espaço urbano e ao mesmo tempo contemplar as pausas e respiros necessários, não somente ao nosso corpo, mas também em relação aos âmbitos da fauna e flora presentes nos centros urbanos.

Meyer (2008) menciona o olhar fenomenológico adotado por Lefebvre, cuja postura assumida é a do chamado ritmanalista. É ele que ouve o mundo por meio dos ruídos das coisas que aparentemente não tem sentido, mas que murmuram cheias de significado, e finalmente ouve os silêncios. Segundo Lefebvre (2004), ele não negligencia os cheiros, os sentimentos, suas impressões, em meio ao processo de “atrofia” da so-

<sup>11</sup> Sabrás que actualmente trabajo fuera, desde las cuatro de la mañana, porque durante el día es un engorro, a causa de los transeúntes y los chiquillos y también porque el mejor momento para ver las grandes líneas es cuando las cosas están como bañadas todavía en un mismo tono.

<sup>12</sup> Foi publicado após a morte de Lefebvre, originalmente com o título *Éléments de rythmanalyse: Introduction à la connaissance des rythmes*, Paris: Éditions Syllepse (1992).

<sup>13</sup> Na obra de Lefebvre há influência de Gaston Bachelard, inclusive no uso do termo *rhythmanalysis*, que foi criado pelo filósofo brasileiro Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, em 1931, na obra *La rhythmanalyse* (LEFEBVRE, 2004, p. xii).

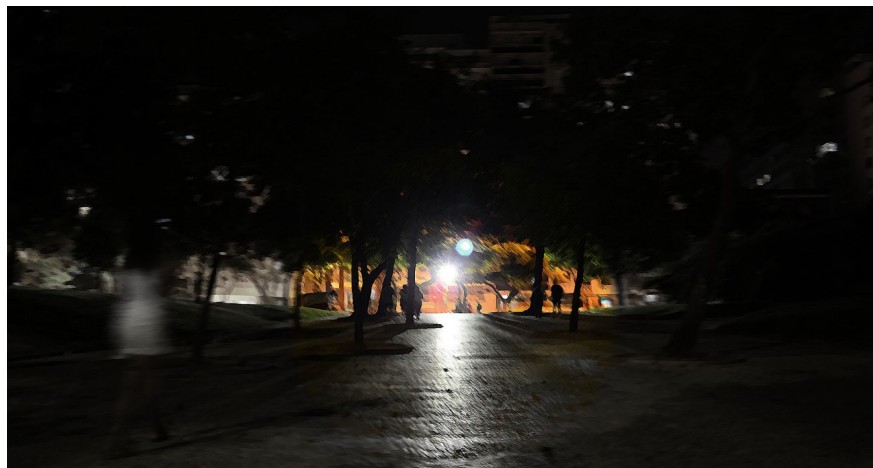
cidade que se neutraliza para alcançar o incolor, o inodoro e o insensível. Assim, os ritmos não são somente compostos por aspectos visíveis, mas também pelos cheiros e sons que compõem momentos do cotidiano. Cabe aqui ressaltar que conforme apontado pelo próprio autor, a ritmanálise não se limita à fenomenologia; de acordo com Lefebvre (2004), ela não abrange o que realmente conecta o espaço, tempo e energia, ou seja, os ritmos.

Conforme apontado por Schmid (2008), os pontos de referência fenomenológicos na obra de Lefebvre também se tornam claros nos termos básicos: o percebido, o concebido e o vivido, onde os combina com o conceito de prática espacial para mostrar que a percepção não apenas ocorre na mente, mas é baseada em uma materialidade concreta e produzida no espaço. Desta forma, entendemos que de um lado o ritmanalista utiliza toda a sua sensibilidade por meio do seu corpo (que se torna o próprio instrumento de pesquisa), mas que por outro lado também analisa as práticas no espaço urbano.

Outro ponto importante é que em meio à utilização dos sentidos como olfato e audição, ao vivenciar a noite, **a visão tem propriedades diferenciadas**. À noite, em condições de pouca luz, não é possível captar cores, detalhes e nitidez, onde entendemos que esta condição influencia também em como percebemos o espaço. Segundo Boyce (2014), a visão humana atua em uma ampla gama de luminosidades, desde níveis referentes à luz solar a níveis referentes à luz das estrelas. Para esta adaptação, aumenta sua sensibilidade à medida que a quantidade de luz disponível no ambiente é reduzida. É possível adaptar-se desde condições de baixa luminosidade, onde somente tonalidades de cinza e movimentos são captados a condições de médias a altas luminosidades onde podemos apreciar cores, detalhes e nitidez dos objetos [3]. Segundo Narboni (2003), é necessário compreender que a visão em condições noturnas pode ser estimulada com níveis muito baixos de luz, porém, sem a possibilidade de refinamento visual e que há um determinado tempo adaptativo para isto.

**FIGURA 3 - Visibilidade noturna, dependendo do nível de luminosidade é possível distinguir cores e nitidez.**

Fonte: Autora, 2018.



Outra questão é a relação entre visão e contraste, vimos que o nosso sistema visual permite a captação de diferentes níveis de luminosidade. Major (2015) comenta que para aspectos qualitativos da luz, além de pensar em intensidade luminosa, distribuição, cor e o espectro da fonte, é necessário compreender a relação entre conservação da escuridão e a adição de luz, reconhecendo que o contraste pode melhorar nossa compreensão do espaço e da forma urbana.

## Luz e escuridão na experiência noturna

*Começamos o percurso pela rua de olhos vendados, como se estivéssemos imersos na escuridão. Os participantes se apoiavam uns nos outros, buscando sentir as paredes, as texturas, ouvir os sons. Tentávamos encontrar referências que pudessem nos ajudar a decifrar os desafios propostos pelo guia do experimento. Ouvíamos atentamente a descrição de cada palavra, cada ruído, mas não bastava, queríamos tocar os objetos e adivinhar os nossos obstáculos. Por duas vezes, precisei de ajuda para prosseguir. O meu imaginário guardava cada pedaço daqueles espaços percorridos, até desvendar meus olhos e readaptá-los novamente às luzes daquela cidade. Quando retornamos ao trajeto realizado de olhos abertos, vimos que as cenas imaginadas nada tinham a ver com a realidade (Relato da autora em experiência com o grupo Sentidos Urbanos<sup>14</sup> no Encontro Ibero americano de Lighting Design - EILD 2016, em Ouro Preto).*

Observa-se com a experiência relatada o quanto somos dependentes da visão: “a dependência visual do homem para organizar o espaço não tem igual.” (TUAN, 1983, p. 18). No entanto, o fato de não utilizá-la como forma principal de guiar-nos pelo espaço, conforme o relatado traz questões sobre o nosso próprio corpo, como os demais sentidos são despertados e nos auxiliam neste processo. Entende-se também que esta condição de escuridão plena (ausência completa de luz), praticamente não existe nos centros urbanos, não somente pela iluminação urbana existente, mas também pelos diversos pontos luminosos que constituem os espaços públicos: as luzes do interior das edificações, de suas fachadas, dos letreiros aos faróis dos carros. Assim, ao denominar “escuridão” é necessário compreender que há na verdade zonas em penumbra ou densidades diferenciadas do escuro.

Bertin e Paquette (2015) apresentaram uma revisão de abordagens e questionamentos sobre como olhamos e planejamos a cidade à noite no artigo “*Apprendre à regarder la ville dans l’obscurité : les « entre-deux » du paysage urbain nocturne*”, como parte de uma pesquisa mais ampla sobre a paisagem noturna de Montreal. Afirmam que a noite foi muitas vezes colocada como oposto ao dia e por estar ancorada nesta oposição, teve sua existência negada, assim, no contexto de expansão da luz artificial e reflexão da qualidade dos ambientes urbanos, questionam se ainda é possível fechar os olhos para a noite das cidades. Bertin e Paquette (2015) mencionam que devido à presença da iluminação artificial no meio urbano há uma transformação significativa em relação à visibilidade espacial, não é à toa o questionamento se realmente ainda há uma paisagem urbana realmente escura na noite das cidades. Assim, o problema em relação ao que é visível ao anoitecer **não seria em função do que não se consegue ver, mas do que esta perda de visibilidade afeta e como ela interfere na compreensão deste espaço**, “Se por um lado a luz revela e desvenda, por outro lado, a noite esconde a escuridão, colocando um véu opaco sobre a paisagem.” (BERTIN e PAQUETTE, 2015, p. 6 – tradução nossa).<sup>15</sup>

Assim, a atenção do olhar surge primeiramente em relação às qualidades do objeto, como contornos, cores e texturas. Neste sentido é que o escuro desafia a visão, tornando-a “cega” temporariamente, conforme as questões adaptativas de visibilidade (BOYCE, 2014; NARBONI, 2003). Esta condição questiona os limites das habilidades visuais e induz o envolvimento de outros meios de apreensão, despertando os demais

<sup>14</sup> “Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania” é uma parceria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) por meio do Departamento de Turismo, de Artes Cênicas e de Jornalismo, com a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) e a Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

<sup>15</sup> “Si d’un côté la lumière révèle et dévoile, de l’autre, la nuit contraint à l’obscurité, elle cache et pose un voile opaque sur le paysage.” (BERTIN e PAQUETTE, 2015, p. 6).

sentidos. Assim, a capacidade visual sendo reduzida, os sentidos como a audição e o tato parecem ser amplificados. À noite, ao invés de afastar o objeto, uma vez que o priva de uma relação visual à distância com o mundo, ela o aproxima (BERTIN e PAQUETTE, 2015).

Dunn (2016) defende o rico potencial do escuro para os nossos sentidos: **à noite seria possível experimentar a materialidade da cidade de forma distinta do dia**, a cidade por um lado é conhecida, mas não é completamente capturada, por isso está aberta a interpretações. O autor faz alusão às cidades invisíveis de Ítalo Calvino, onde a cidade escapa ao confinamento, pois se reproduz no imaginário em múltiplas versões, à noite, esta condição seria acentuada (DUNN, 2016). Da mesma forma, Bertin e Paquette (2015) mencionam que no escuro o objeto desaparece, no sentido de perder sua concretude física visual, **o que torna visíveis diversos tipos de representação decorrentes da imaginação do sujeito**. Dunn (2016) afirma que formamos mapas com base na cognição de lugares que estão em nossa memória, no entanto, durante as horas noturnas, **tal cartografia pode redimensionar-se dramaticamente e reconfigurar-se à medida que os marcos diurnos vão sendo omitidos**.

É neste sentido que Edensor (2017) ao questionar o uso da luz e da escuridão para moldar o espaço, justifica a importância da iluminação como forma de produzir atmosferas, adicionar camadas de significado, tornando os espaços mais legíveis. O legível mencionado muito tem a ver com o conceito do urbanista Kevin Lynch, em relação aos aspectos qualitativos da forma urbana. Lynch (2007) chama de legibilidade um dos componentes do sentido (uma de suas cinco dimensões qualitativas de desempenho para vivacidade de um espaço urbano) que seria “o grau em que os habitantes de um aglomerado populacional conseguem se comunicar bem uns com os outros através das suas características físicas e simbólicas.” (LYNCH, 2007, p. 135). Desta forma, podemos entender que **a luz pode contribuir com esta legibilidade** por facilitar uma leitura dos elementos urbanos [4], principalmente por meio de contrastes (MAJOR, 2015), revelando assim texturas, volumes da arquitetura e também da paisagem urbana, além de valorizar e destacar elementos simbólicos como monumentos históricos. Nesta mesma perspectiva, Bertin e Paquette (2015) afirmam que **a luz artificial contribui com a formação de marcos que valorizam a paisagem urbana**, redefinindo os limites visíveis da cidade à noite.

FIGURA 4 - O sentido de legibilidade e hierarquia do elemento urbano iluminado e a importância dos espaços escuros. Foto de JP Bennett, 2012 (original, adaptado pela autora em P&B)

Fonte: Wikimedia Commons (CC BY 2.0). Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=25293622>>. Acesso em 31 jul. 2018.



Assim como Lefebvre (2004) é atento às diferenças entre os ritmos e às práticas do cotidiano, Bertin e Paquette (2015) lembram que **devemos olhar também para os espaços escuros na noite das cidades**, para o “diferente”. Assim, afirmam que a experiência sensível da cidade à noite ocorre entre o iluminado e a escuridão, entre os seus diferentes significados e sentidos, por isso são polos de uma diversidade de experiências. **A luz e a escuridão estão saturadas de valores e entendimentos culturais**, desde os significados simbólicos até os morais, pois embora o que vemos seja habilitado e restringido pelos nossos olhos, **os sentidos também são culturalmente informados** (EDENSOR, 2017).

Segundo Edensor (2017), para os que estão habituados à extensa iluminação urbana, tendo os grandes centros urbanos da Europa Ocidental como referência, a diferença se torna evidente quando se conhece outros lugares onde há mistura entre iluminação, escuridão e sombras. Em centros urbanos da Índia, ao anoitecer, a iluminação é muito menos intensa do que em cidades europeias, o que não impede o movimento intenso de pessoas e as apropriações do espaço, mesmo neste contexto de “pouca” luz. Edensor (2017) comenta a riqueza sensorial percebida neste cenário não familiar, onde os sons e os cheiros foram percebidos de forma mais intensa. Apesar de reconhecer a importância da legibilidade que a iluminação possa proporcionar, não descarta o interesse por espaços menos iluminados como forma de estímulo ao corpo. Assim, afirma que estes benefícios sensoriais e afetivos demonstram que **o olhar normativo das ruas ocidentais é historicamente contextual, não podendo ser caracterizado como universal**<sup>16</sup>, revelando também que há diferentes percepções e referenciais em relação ao uso da luz no espaço urbano.

## Considerações finais

Vimos que a iluminação contemporânea tem buscado uma aproximação com a escala humana e soluções mais sustentáveis, onde também tem sido questionada perante o excessivo uso de luz nos espaços urbanos. Não somente pelas questões de poluição luminosa, mas também pelo entendimento de que os escuros também podem fazer parte da cidade, o que demonstra uma aproximação com a própria noite da urbe. Este ponto foi fundamental para esta pesquisa, pois a partir deste pensamento, partimos em busca de reflexões sobre como iluminamos os nossos centros urbanos.

Outro ponto imprescindível foi o entendimento das especificidades de uma experiência noturna. Primeiro, aprender a olhar os ritmos e suas alterações com o anoitecer, onde segundo Lefebvre (2004), a noite não seria uma ruptura em relação ao ritmo diurno, mas que o modifica e o torna mais lento. Esta reconfiguração rítmica é algo que também afeta a própria leitura do espaço, visto que os sons, os silêncios, os movimentos, a circulação de pessoas e os ritmos do nosso próprio corpo são modificados e impactam a experiência urbana. Estas alterações rítmicas somadas às questões de visibilidade noturna, onde em condições de pouca luminosidade não se identifica cores, detalhes e nitidez, influenciam na forma em que percebemos o espaço.

É compreensível que em meio à estigmatização do espaço público (perante a sua heterogeneidade) e da própria experiência noturna, podemos considerar uma utopia a vivência de zonas mais escuras na cidade, principalmente quando isto compromete o condicionamento básico do estabelecimento de segurança que é o olhar para o ou-

<sup>16</sup> Estas diferenças culturais foram apontadas por Junichiro Tanizaki (2015) ao descrever as mudanças ocorridas no Japão, em meados do século 20, com a introdução da eletricidade. Criticou a falta de considerações adaptativas à cultura tradicional japonesa, as sombras, por exemplo, pela perspectiva japonesa acentuam a beleza das coisas, o que se reflete na própria arquitetura.

tro, seja pela alteração dos ritmos que a ausência do outro urbano possa provocar ou pela dificuldade de identificação deste outro pelas questões de visibilidade à noite. Entendemos também que mesmo em condições de baixa luminosidade, nossa visão se adapta e permite nossos movimentos no espaço, com limitações que impedem a realização de atividades com acuidade visual, mas não de outras.

Assim, **a questão fundamental aqui é compreender que não se trata somente de visibilidade, é como nós interpretamos os espaços escuros, iluminados e a própria noite; e como isto afeta e interfere na compreensão do espaço urbano.** Conforme mencionado por Edensor (2017), é imprescindível identificar o contexto cultural, geográfico e histórico, pois luz e escuridão estão saturadas de valores e entendimentos culturais, desde os significados simbólicos até os morais. Foi de extrema importância entender a afirmação de Edensor (2017), que embora o que vemos seja habilitado e restringido pelos os nossos olhos, os sentidos também são culturalmente informados.

Reconhecemos, conforme apontado por Edensor (2017), que o olhar normativo consolidado nas ruas ocidentais, baseado em maiores níveis de luminosidade, uniformidade e maior visibilidade, não pode ser considerado universal, o que nos dá brechas para outras possibilidades, onde os sujeitos “expostos” da experiência noturna possam desfrutar o espaço público em meio às diferenças e conflitos, redescobrando laços com a própria noite das cidades, indicando outras possibilidades da experiência noturna em meio à apropriação dos espaços escuros e outras concepções em relação ao referencial construído de luz.

Portanto, a partir desta construção teórica foi possível abrir outras perspectivas quanto à iluminação urbana, no sentido de que não somente a luz tem um papel na experiência noturna, mas que o escuro também a compõe; conforme Bertin e Paquette (2015), a experiência sensível da cidade ocorre entre o iluminado e a escuridão noturna, entre os seus diferentes sentidos. Desta forma, concluímos que na experiência noturna ao pensarmos na iluminação urbana, é necessário compreender que a luz por um lado, revela, valoriza, guia e orienta, por outro lado, o escuro impulsiona os demais sentidos, permite uma diversidade interpretativa da cidade, onde mudam as texturas, volumes e referenciais, além de impulsionar redescobertas de poéticas noturnas, propiciando assim, experiências diferenciadas no espaço urbano.

## Agradecimentos

A autora agradece à orientação do professor orientador Rodrigo Cury Paraizo e à CAPES, pelo suporte à pesquisa.

## Referências

ASCHER, François. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. Tradução Margarida de Souza Lobo; Ana Valente. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2010 [Ed. original 2001].

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Deritzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [Ed. original 2000].

BERTIN, Sylvain; PAQUETTE, Sylvain. Apprendre à regarder la ville dans l'obscurité : les « entre-deux » du paysage urbain nocturne. **Environment Urbain / Urban Environment**, v. 9, out. 2015. Disponível em < <http://eue.revues.org/603>>. Acesso em: 24 set. 2017.

- BOGARD, Paul (Org.). **Let There Be Night: Testimony on Behalf of the Dark**. Reno: University of Nevada Press, 2008.
- BOGARD, Paul. **The End of Night: Searching for Natural Darkness in an Age of Artificial Light**. New York: Back Bay Books, 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003. Acesso em: 28 dez. 2016.
- BORJA, Jordi. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.
- BOYCE, Peter Robert. **Human Factors in Lighting**. 3a ed. New York: CRC Press, 2014 [Ed. original 1981].
- DUNN, Nick. **Dark Matters: A Manifesto for the Nocturnal City**. ebook Kindle ed. Winchester: Zero Books, 2016.
- EDENSOR, Tim. **From Light to Dark: Daylight, Illumination, and Gloom**. ebook Kindle ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- GIDDENS, Anthony. **Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOGH, Vincent Van. **Cartas a Theo**. Tradução Antonio Rabinad. Barcelona: Paidós Ibérica, 2012.
- ISENSTADT, Sandy; PETTY, Margaret Maile; NEUMANN, Dietrich (Org.). **Cities of Light: Two Centuries of Urban Illumination**. ebook Kindle ed. New York: Routledge, 2015.
- JACQUES, Paola Berenstein. A experiência errática da cidade: em busca da alteridade urbana. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres; VAZ, Lilian Fessler; SILVA, Maria Laís Pereira da (Org.). **Leituras da cidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012, p. 48-64.
- LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life**. Tradução Gerald Moore; Stuart Elden. London: Continuum-3PL, 2004 [Ed. original 1992].
- LYNCH, Kevin. **A Boa Forma da Cidade**. Tradução Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. Lisboa: Edições 70, 2007 [Ed. original 1981].
- MAJOR, Mark. Light + Dark = Legibility: An approach to Urban Lighting. In: ISENSTADT, Sandy; PETTY, Margaret Maile; NEUMANN, Dietrich (Org.). **Cities of Light: Two Centuries of Urban Illumination**. ebook Kindle ed. New York: Routledge, 2015. p. 152–158.
- MEIER, Josiane et al. (Org.). **Urban Lighting, Light Pollution and Society**. ebook Kindle ed. New York: Routledge, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro De Moura. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [Ed. original 1945].
- MEYER, Kurt. Rhythms, Streets, Cities. In: GOONEWARDENA, Kanishka et al. (Org.). **Space, Difference, Everyday Life: Reading Henri Lefebvre**. New York: Routledge, 2008. p. 147–160.
- MONGIN, Olivier. **La condición urbana: La ciudad a la hora de la mundialización**. Tradução Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2006 [Ed. original 2005].
- MONTANER, Josep Maria. **Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação**. Tradução Maria Luisa de Abreu Lima Paz. ebook Kindle ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- NARBONI, Roger. **A Luz e a Paisagem: Criar Paisagens Nocturnas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PEREIRA, Margareth da Silva. Dimensões da experiência: espaço público, alteridade e lugar. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres; VAZ, Lilian Fessler; SILVA, Maria Laís Pereira da (Org.). **Leituras da cidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

RICH, Catherine; LONGCORE, Travis (Org.). **Ecological Consequences of Artificial Night Lighting**. 2a ed. Washington: Island Press, 2005.

SCHIVELBUSCH, Wolfgang. **Disenchanted Night: The Industrialization of Light in the Nineteenth Century**. Tradução Angela Davies. United States of America: University of California Press, 1995 [Ed. original 1983].

SCHMID, Christian. Henri Lefebvre's theory of the production of space, towards a three-dimensional dialectic. In: GOONEWARDENA, Kanishka et al. (Org.). **Space, Difference, Everyday Life: Reading Henri Lefebvre**. New York: Routledge, 2008. p. 27-45.

TANIZAKI, Junichiro. **El elogio de la sombra**. Tradução Julia Escobar. ebook Kindle ed. Madrid: Siruela/ Newcomlab, S.L.L., 2015 [Ed. original 1933].

THE CITY DARK, a search for night on a planet that never sleeps. Direção: Ian Cheney. [S.l.]: Wicked Delicate Films LLC, 2011. 1 bobina cinematográfica (84 min), color.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar : a perspectiva da experiência**. Tradução Livia De Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983 [Ed. original 1977].

**DATA DE SUBMISSÃO DO ARTIGO: 08/05/2018 SUBMISSÃO: APROVAÇÃO: 01/07/2018**

#### **RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS**

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito e a qualidade das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.